

ACTUAÇÕES HUMANAS NA PAISAGEM

Patrícia Diogo¹

RESUMO

O contexto em que surge esta reflexão temática, sobre uma matéria classicamente considerada menor, enquadra-se no pressuposto de que para conservar e valorizar as matrizes da nossa identidade colectiva é essencial respeitar a memória transmitida pelo nosso património natural, paisagístico, arquitectónico e cultural enquanto legado histórico que nos foi transmitido por sucessivas gerações e que nos conta a história do Homem e, por conseguinte, a forma como este transformou esses espaços em benefício da melhoria da sua condição de vida.

Por isso mesmo, a abrangência do tema exige rigor na caracterização do meio físico da área em estudo, o Distrito de Bragança, e nomeadamente quanto ao perfil fisiográfico que a rede hidrográfica determina e pelas vertentes abruptas do Douro e pelo planalto mirandês que é sulcado pelos seus efluentes primários.

PALAVRAS-CHAVE

Meio Físico; Paisagem Humanizada; Património; Salvaguarda.

ABSTRACT

The context in which it appears this thematic reflection on a matter, classically considered minor, falls on the assumption that to preserve and enhance the headquarters of our collective identity is essential to respect the memory transmitted by our natural heritage, landscape, architectural and cultural heritage while legacy left to us by successive generations. It tells the story of man and therefore how it transformed these spaces for the benefit of improving their living conditions.

Therefore, the scope of this topic requires rigorous characterization of the physical environment of the study area, the District of Bragança, and particularly regarding the physiographic profile that determines the river system and the abrupt slopes of the Douro and the plateau Mirandese that is furrowed by their primary effluents.

KEY-WORDS

Physical Environment; Humanized landscape; Heritage; Safeguard.

1. INTRODUÇÃO

A demarcação da área geográfica pode definir-se pelo enquadramento físico e administrativo do Distrito de Bragança no quadro do território nacional e pelas fronteiras naturais de raia seca e do Douro Internacional que configuram o corredor de suporte do nosso trabalho: quer dizer os territórios compreendidos pelos municípios de Vinhais, Bragança, Vimioso, Miranda do Douro, Mogadouro e Freixo de Espada à Cinta.

Numa perspectiva mais alargada, o enquadramento geográfico no país e na Europa tem colocado a sub-região numa situação periférica, partilhada por uma fronteira internacional

¹ Doutorada em Arquitectura. Professora Auxiliar na Universidade Lusíada do Porto e V. N. de Famalicão, onde lecciona a Unidade Curricular Arquitectura I. E-mail: patriciadiogo@hotmail.com

quase cega e por uma rede deficiente de acessibilidades e comunicações com o remanescente do território nacional e em particular com os centros de decisão enquistados em Lisboa e no Porto.

Contudo, no processo de construção da União Europeia e perante o grande objectivo do reforço da sua coesão económica e social, os espaços transfronteiriços, se adequadamente incentivados, poderão ser geradores de novas centralidades, sobretudo pela inerente possibilidade de alargamento do mercado potencial, proporcionando a escala que falta ao mercado interno.

Mas, apesar destes benefícios, a Terra Fria, onde residem quase sessenta mil habitantes, continua a sofrer o mal endémico do envelhecimento e do esvaziamento demográfico que se traduz na perda da sua população, contribuindo para que a região cifre um dos mais baixos índices de desenvolvimento do país, reconhecendo-se absolutamente carente de bens, de serviços e de investimentos externos que no seu território não tem sido possível implementar.

É, pois, com base no domínio das actuações humanas na paisagem que em certo sentido se pode dizer que a presença imemorial do homem nestas paragens modelou o perfil do território e introduziu algum exotismo que o valorizou, numa sábia convivência transmitida de geração em geração que acabou por caldear o espírito do transmontano e inspirar os seus costumes e as suas tradições.

2. ACTUAÇÕES HUMANAS NAS PAISAGENS

A intervenção do Homem no território ao longo do processo histórico provocou alterações significativas à paisagem como se pode constatar pela análise aos numerosos vestígios arqueológicos pré-romanos que ainda se conservam nesta região, localizados em posições estratégicas como é o caso do núcleos rurais, das vias e respectivas pontes sobre os rios Sabor, Angueira e Maças, em Vimioso e sobre o rio Tuela em Vinhais.



Mapa foto-aerogramétrico de vilarinho

Se recuarmos à Idade Média, com a formação da nacionalidade, constatamos que uma das primeiras preocupações dos soberanos foi povoar o reino através da distribuição de terras a fidalgos e à Igreja, atribuindo a Trás-os-Montes uma percentagem maior de cartas de foral e de aforamento que a outras regiões com o intuito de atrair colonizadores e fixar as pessoas ao meio, já que as rudes condições geográficas e sociais desses tempos exigiam que toda a organização do espaço dependesse da vida em grupo.

A necessidade de protecção das populações de um reino em formação levou à criação de castelos e atalaias defensivas, como se comprova pelos castelos de Miranda do Douro, de Bragança, de Vimioso e de Vinhais, e a Torre da Atalaia em Vimioso².

Atitude idêntica foi desencadeada pela Igreja que pontuou de forma marcante o território com a construção de igrejas em Bragança e em Miranda do Douro, de conventos como o de Santa Clara e de S. Francisco em Vinhais, o dos Franciscanos e o Mosteiro de Castro de Avelães, em Bragança.³

Isto é, por todo o território onde há um aglomerado populacional, um ponto notável sobre a paisagem, ou um lugar de culto pagão que importa cristianizar, surge uma igreja ou capela, cuja riqueza decorativa varia consoante a capacidade económica e técnica da comunidade que a constrói.

O aprofundamento desta questão remete-nos para aspectos de natureza conceptual, sobretudo se tivermos em conta que a utilização de materiais locais levou a uma uniformização das tipologias construtivas que de forma engenhosa foram adaptadas às necessidades dos seus utilizadores mantendo-se, ainda, em alguns aglomerados habitacionais as suas características primitivas em harmonia e equilíbrio com o espaço envolvente⁴.

Para além das construções habitacionais e daquelas que representam um carácter mais ligado à arquitectura de armazenamento, o aproveitamento da energia hídrica proveniente das ribeiras através da construção de engenhos como é o caso dos pisões ligados à manufactura do linho, dos moinhos e azenhas que surgem com especial predominância nos concelhos de Bragança, Vimioso e Miranda do Douro utilizados na moagem do cereal, nomeadamente do trigo e do centeio⁵.



Conjunto de pombais em Freixiosa

² ARMAS, Duarte de - O Livro das Fortalezas, Coleção Histórica da Cultura Portuguesa, Edições Inapa, 2006.

³ MOURINHO, António Maria (Júnior) - Arquitectura Religiosa da Diocese de Miranda do Douro - Bragança, Edições da Câmara Municipal de Miranda do Douro, Sendim, 1995, pp 9-10.

⁴ AAVV - Revista Estudos/Património Salvaguarda. Memória. Intervenções Português, 5ª ed., Lisboa, 2003.

⁵ DIAS, Jorge; GALHANO, Fernando; VEIGA DE OLIVEIRA, Ernesto - Sistemas primitivos de moagem em Portugal. Moinhos, azenhas e atafonas, Porto, 1949.

Maria Diogo⁶, a este respeito, salienta que outros modelos construtivos se destacam pela sua singularidade no território da sub-região de Bragança. São exemplo os pombais que se distribuem em determinados pontos da paisagem, ora de forma singular ora agrupados, ora em forma redonda ora em forma de ferradura.

Todavia pode dizer-se que para além destas marcas construtivas que pontuam e humanizam o território, os afloramentos rochosos, a morfologia, o clima, a hidrologia, a cobertura vegetal e a fauna, ou ainda os resultados da actividade humana – cuja classificação pode ser avaliada segundo critérios de natureza qualitativa ou quantitativa – a paisagem da sub-região constitui um património de elevado valor natural e cultural que vem desempenhando um papel importante no bem-estar humano e na sua qualidade de vida.

Tal significa que a qualidade da paisagem representa o espelho das relações antigas e actuais do homem com a natureza que ao longo de gerações a foi modelando e organizando segundo padrões por si estabelecidos⁷.



Paisagem virgem e paisagem natural do Douro Internacional

A este respeito pode referir-se que em termos evolutivos as paisagens se caracterizam por virgens, naturais e artificiais consoante o grau de intervenção do homem no seu processo de modelação e de artificialização.

Ainda de acordo com essa classificação, uma paisagem virgem será uma paisagem não intervencionada pelo homem; a natural aquela que apesar de intervencionada pelo homem se encontra em equilíbrio ecológico; e a artificial aquela em que o equilíbrio natural se perdeu e a artificialização do espaço é total como acontece com os espaços urbanos e industriais, espaços canais e outras infra-estruturas com expressão no território.

3. EVOLUÇÃO DA PAISAGEM

Não sendo propriamente o objectivo central deste trabalho de investigação aprofundar os diferentes tipos de estações que caracterizam a paisagem vegetal arbórea da sub-região de Bragança, é essencial referir que a sua matriz morfológica distingue as estações de serra ou planalto, das estações de vale ou margens de cursos de água.

⁶ DIOGO, Maria N. Xavier - Arquitectura Complementar e do Trabalho em Terras de Miranda, Escuela Técnica Superior de Arquitectura (Departamento de Expresión Gráfica Arquitectónica), Universidad de Valladolid, 2002. Tese de Doutoramento, p.266.

⁷ FERREIRA, Alfredo Durão de Matos - Aspectos da Organização do Espaço Português, FAUP Publicações, Porto, 1995, p.48

Ao primeiro grupo correspondem florestas de carvalhos de folhas caducas e ao segundo florestas de folhas persistentes: a floresta de carvalhos de folhas caducas é formada pelo carvalho propriamente dito, a que se associam o castanheiro, o pinheiro, o videiro e certas espécies de plantas arbustivas como o azevinho e o abrunheiro bravo; e a floresta de carvalhos de folhas persistentes está representada pelas duas espécies mais características – o sobreiro e a azinheira que vai do Tua até à fronteira, aparecendo a azinheira de frutos comestíveis ao longo do vale do Douro, entre Paradela e Miranda do Douro.

Aliás, a área que compreende o Parque do Douro Internacional possui uma grande extensão de zimbro, e a este associados encontram-se o medronheiro e a cornalheira próprios da vegetação mediterrânica⁸.

Ao segundo grupo correspondem florestas de folhas persistentes e compreende as associações com o olmo ou negrilho, o freixo, o amieiro, o salgueiro e o choupo que a cultura popular referencia como folharanço.



Paisagem humanizada

Aliás os rudes condicionamentos da natureza acabaram por criar aqui uma das maiores e melhores reservas ecológicas e de zonas protegidas de particular interesse florístico e faunístico do país, justificando a delimitação dos Parques Naturais de Montesinho e do Douro Internacional.

Apesar do sistema rural antigo assentar na criação de gado e na cultura cerealífera – centeio, trigo e cevada – a vinha, a oliveira e o linho tinham igualmente grande significado no contexto duma economia desesperadamente presa a uma agricultura de subsistência que o rigoroso clima de verões quentes e secos e Invernos frios e chuvosos castiga e desengana.



Urrós

⁸ MONTEIRO, António et al. - Parque Natural do Douro Internacional, Lisboa, Edição do Instituto da Conservação da Natureza, s. d.

Embora o panorama seja bastante uniforme no domínio da paisagem agrícola pelo facto dos cereais ocuparem a maior parte da terra cultivada, ultrapassando em muito os restantes produtos, sublinha-se a importância da oliveira e da vinha nos vales do Douro e do Sabor, constituindo a cultura da primeira uma mancha característica que abrange a faixa ribeirinha do Douro de Miranda para sul, predominando a cultura da segunda em Sendim, Picote, Bemposta e o Urrós que produzem em conjunto grande parte do vinho das Terras de Miranda.

4. CONCLUSÕES

A partir do momento que nos propusemos mergulhar num campo de investigação tão complexo como este ficou claro que a pobreza das fontes documentais de que podemos dispor poderia dificultar a obtenção dos resultados da investigação e condicionar o aprofundamento deste tema, a desenvolver num território de fronteira que se estende ao longo dum corredor que começa no concelho de Bragança, passa pelos concelhos de Vinhais, Vimioso, Miranda do Douro, Mogadouro e termina em Freixo de Espada à Cinta.

Apesar dessa insuficiência e dos problemas de origem serem extremamente vagos, aliás como o são os da própria humanidade, os meios que determinam a lenta evolução da agricultura, a criação de animais, a metalurgia, a tecelagem e a cerâmica demonstram que o progresso técnico terá ultrapassado as ancestrais dificuldades colocadas pelas agruras do meio natural.

Esta noção leva-nos a admitir que não se deve conferir ao meio físico uma importância exclusiva porque, quando muito, a geografia e a climatologia apenas nos oferecem uma boa explicação das formas essenciais da actividade humana, já que será em torno da agricultura, da criação de animais e da metalurgia que se constituirão os traços essenciais da nossa civilização.

Servem estas considerações para referir que embora o objectivo central deste trabalho de investigação não seja propriamente o de tentar provar as origens das primeiras habitações ou a existência dos vestígios que nos possam fornecer informação credível sobre o início da civilização, o certo é que os abrigos artificiais parecem estar associados ao princípio da organização do território, mais precisamente a partir do neolítico com o aparecimento das primeiras cabanas que segundo André Leroi-Gourhan⁹ bem poderão ter sido o embrião dos primeiros assentamentos rurais não fixos.

Ao assinalarmos este princípio de que o conceito de habitat encerra um grande conjunto de factores materiais e imateriais que condicionam a existência do homem inserido no seio duma determinada comunidade, pode também inferir-se que ao longo da história ele foi ao mesmo tempo criatura e criador do meio ambiente que lhe deu segurança e o sustento físico que haveria de criar a oportunidade de se desenvolver intelectual, espiritual e fisicamente.

5. BIBLIOGRAFIA

- AAVV** - *Revista Estudos/Património Salvaguarda Memória Intervenções Português*, 5ª ed., Lisboa, 2003.
- ARMAS, Duarte de - *O Livro das Fortalezas*, Coleção Histórica da Cultura Portuguesa, Edições Inapa, 2006.
- BÁEZ MEZQUITA, Juan Manuel - *Arquitectura popular de Sanabria: Asentamientos, Morfologías y Tipologías Rurales*, Instituto de Estudios Zamoranos, Florián de Ocampo (C.S.I.C.), Zamora, 1994.

⁹ GOURHAN, André Leroi - Op. cit.

- DIAS, Jorge; GALHANO, Fernando; VEIGA DE OLIVEIRA, Ernesto - *Sistemas primitivos de moagem em Portugal: Moinhos, Azenhas e Atafonas*, Porto, 1949.
- DIOGO, Manuel Maria - *Arquitectura Vernácula em Terras de Miranda*: Escuela Técnica Superior de Arquitectura (Departamento de Expresión Gráfica Arquitectónica), na Universidad de Valladolid, Valladolid, 1994. Tese de Doutoramento.
- DIOGO, Maria do Nascimento Xavier - *Arquitectura Complementar e do Trabalho em Terras de Miranda*: Escuela Técnica Superior de Arquitectura (Departamento de Expresión Gráfica Arquitectónica), na Universidad de Valladolid, 2002. Tese de Doutoramento.
- FERREIRA, Alfredo Durão de Matos- *Aspectos da Organização do Espaço Português*, FAUP Publicações, Porto, 1995.
- MONTEIRO, António et al.- *Parque Natural do Douro Internacional*, Edição do Instituto da Conservação da Natureza, Lisboa, 1998.
- MONTES SERRANO, C. - *Arquitectura popular: razones para una favorable apreciación estética*, Arquitectura Popular 1, Valladolid, 1988.
- MOURINHO, António Maria (Júnior) - *Arquitectura Religiosa da Diocese de Miranda do Douro - Bragança*, Edições da Câmara Municipal de Miranda do Douro, Sendim, 1995.
- OLIVEIRA, Rosário – *Identificação e caracterização da paisagem ao nível local*, Arquitectura e Vida nº86, Lisboa, 2007.
- VEIGA DE OLIVEIRA, E.; GALHANO, F.; PEREIRA, B. - *Arquitectura Tradicional Portuguesa*, Publicações Dom Quixote, Lisboa, 1992.

PATRÍCIA DIOGO

Professora Auxiliar na Universidade Lusíada do Porto e V. N. de Famalicão, onde lecciona a Unidade Curricular Arquitectura I.

Doutorada em Arquitectura pelo Departamento de Expresión Gráfica Arquitectónica da Universidad de Valladolid em 2009.

Colaboradora, desde 2007, na empresa mdjp-arquitectos lda. nos seguintes projectos:

- Museu Galp Energia, Matosinhos
- Recuperação da antiga Escola de Perafita, Perafita
- Recuperação de Ilha em Matosinhos
- Estagiária no gabinete do Arquitecto Eduardo Souto Moura em 2004.
- Licenciada pela FAUP no ano lectivo 2004/2005.